

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

GABRIELE DUARTE DA SILVA

Revista Ciência

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a Valentina Nunes

Florianópolis

Julho de 2014

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014		
ALUNO	Gabriele Duarte da Silva		
TÍTULO	Revista FAPESC		
ORIENTADOR	Valentina Nunes		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	CATEGORIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)
<input type="checkbox"/>			() Florianópolis () Brasil
<input type="checkbox"/>		Reportagem livro-reportagem ()	(X) Santa Catarina Internacional () () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo científico, tecnologia, projeto editorial		
RESUMO	<p>De acordo com dados da prefeitura de Florianópolis, em 2012 o setor de tecnologia da capital arrecadou R\$ 1 bilhão de reais. Apesar do destaque nacional das produções científicas e tecnológicas em Santa Catarina, a cobertura desses temas ainda é incipiente na imprensa local. Propõe-se como Trabalho de Conclusão de Curso um projeto editorial especializado em jornalismo científico e tecnológico, vinculado à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina. Trata-se de uma revista impressa que quer dar visibilidade aos projetos da FAPESC e mostrar as novidades em ciência e tecnologia ao público leigo catarinense. São pautas da revista: inovações em processos e produtos, panorama do polo tecnológico de Florianópolis, pesquisas científicas e investimentos econômicos na área. Serão fontes jornalísticas os cientistas, empresários e desenvolvedores da tecnologia, setores do governo ligados à FAPESC e, principalmente, o público que consome e tem interesse em ciência e tecnologia.</p>		

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais pela oportunidade de estudar na Universidade Federal de Santa Catarina, pelo carinho, educação e apoio incondicionais dados ao longo de toda a minha vida.

À professora Valentina Nunes, pela orientação deste projeto e, principalmente, pelas conversas, conselhos e incentivos ao longo desse semestre.

Também agradeço aos amigos e colegas de profissão Rafael Canoba, Laís Souza e Mariana Moreira pelas ajudas na execução deste projeto. Da mesma forma, manifesto extrema gratidão à Dialetto Comunicação Estratégica, representada pelo jornalista Rodrigo Lóssio e equipe, que me forneceu, ao longo dos últimos meses, todo o incentivo possível.

1 INTRODUÇÃO

1.1 RESUMO

De acordo com dados da prefeitura de Florianópolis, em 2012 o setor de tecnologia da capital arrecadou R\$ 1 bilhão de reais. Apesar do destaque nacional das produções científicas e tecnológicas em Santa Catarina, a cobertura desses temas ainda é incipiente na imprensa local. Propõe-se como Trabalho de Conclusão de Curso um projeto editorial especializado em jornalismo científico e tecnológico, vinculado à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina. Trata-se de uma revista impressa que quer dar visibilidade aos projetos da FAPESC e mostrar as novidades em ciência e tecnologia ao público leigo catarinense. São pautas da revista: inovações em processos e produtos, panorama do polo tecnológico de Florianópolis, pesquisas científicas e investimentos econômicos na área. Serão fontes jornalísticas os cientistas, empresários e desenvolvedores da tecnologia, setores do governo ligados à FAPESC e, principalmente, o público que consome e tem interesse em ciência e tecnologia.

1.2 ESCOLHA E PERTINÊNCIA DO TEMA

De acordo com reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*¹, em 2012 o setor de tecnologia da região catarinense faturou o primeiro R\$ 1 bilhão. O polo tecnológico local concentra a produção na área de Tecnologia da Informação (TI) e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), caracterizadas pelo desenvolvimento de sistemas (*softwares*) que trabalham com o armazenamento, processamento, análise e divulgação de informações

1 Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,tecnologia-de-florianopolis-chega-ao-primeiro-bilhao.934575.0.htm> Acesso: 19/11/2013.

em setores de telecomunicações e eletroeletrônicos. São softwares específicos de engenharia, saúde, agronegócio, entre outros (XAVIER, p.46).

As pesquisas científicas realizadas em centros de excelência como a UFSC e a UDESC, com campi distribuídos por todo o estado, dão base e são laboratórios para as investigações do setor de tecnologia. Esses são os elementos propulsores dessa realidade de crescimento. De acordo com dados de 2008 da Secretaria Municipal da Receita de Florianópolis, os serviços de tecnologia - software e serviços - são responsáveis pela segunda maior arrecadação de Imposto sobre Serviços (ISS) na capital de Santa Catarina, totalizando cerca de R\$ 10 milhões ao ano. O segmento só é ultrapassado pela atividade geral de “prestação de serviços”, que arrecadou R\$ 13,4 milhões. O ranking segue com arrecadações individuais de atividades de telecomunicações e correios, saúde e serviços, construção civil e turismo (XAVIER, p. 34).

Nos próximos 20 anos, se depender do Sapiens Parque, espaço de inovação no norte da Ilha de Santa Catarina, que começou a ser planejado em 2002, essa realidade vai ganhar mais destaque. De acordo com reportagem do jornal *Notícias do Dia*² de 4 de agosto de 2013, a intenção é consolidar o local como ponto de referência para investimento de tecnologia em todo o país. Até o início do segundo semestre deste ano, o poder público destinou R\$ 30 milhões ao parque. Por outro lado, a iniciativa privada entrou com R\$ 150 milhões. Espera-se que dentro de 10 anos, 25 mil pessoas trabalhem em mais de 400 empresas no Sapiens Parque. A reportagem também revelou que a iniciativa será o ponto final de um roteiro preparado pela Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Sustentável, que vai levar visitantes e pesquisadores do aeroporto Hercílio Luz até o Sapiens, passando por outros centros tecnológicos pelo caminho. Trata-se da Rota da Inovação,

2 <http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/91843-uma-cidade-da-inteligencia-tecnologica.html> Acesso: 19/11/2013.

que quer desmistificar o que acontece dentro das empresas de ciência e tecnologia.

Incentivadora da produção científica e tecnológica no estado, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) é o principal órgão financiador vinculado ao governo estadual. Foi criada pela Lei Complementar número 284, de 28 de fevereiro de 2005, para dar lugar ao Fundo Rotativo de Fomento à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Funcitec). A FAPESC é um órgão público, com autonomia administrativa e financeira, que atualmente está vinculado à Secretaria do Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável.

A FAPESC estimula a produção de produtos e processos inovadores e repassa verbas - principalmente do governo estadual, por meio da Lei da Inovação - para viabilizar pesquisas em todas as áreas do conhecimento. São cerca de 1400 estudos, que envolvem quatro mil pesquisadores, em 255 entidades. Apenas para o estudo da biodiversidade em Santa Catarina, constam 35 projetos. Já para a área da saúde, são mais de 100 estudos vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e à Secretaria do Estado de Saúde. Além disso, a FAPESC concede bolsas de pesquisa a mais de 500 estudos, de ensino médio a pós-graduação. Para a tecnologia, destacam-se iniciativas como Geração Tec, Inova@SC, e o Sinapse da Inovação.

Até então, a FAPESC não dispunha de uma ferramenta para dar visibilidade ao seu trabalho e informar o público sobre as pesquisas e iniciativas em ciência e tecnologia em Santa Catarina. São exemplos da importância da divulgação científica e tecnológica as publicações da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com a *Pesquisa Fapesp*³, e a da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), com

3 <http://revistapesquisa.fapesp.br/>

a *Minas faz Ciência*⁴. No caso da publicação de São Paulo, a revista é vendida mensalmente. Já a revista mineira é produzida a cada três meses e tem distribuição gratuita.

O Brasil atualmente ganha destaque em ciência e tecnologia de ponta e, assim, pesquisadores e jornalistas que cobrem esses temas têm a obrigação social de tornar público o conhecimento produzido e conscientizar os formadores de opinião sobre a importância de se investir em pesquisas.

A divulgação científica é um processo de inserção social, na medida em que proporciona ao cidadão o acesso ao conhecimento, que lhe permite participar mais ativamente das discussões que permeiam a aplicação dos recursos públicos no desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas (PEREIRA, 2004).

Além de informar, o jornalismo especializado em ciência e tecnologia também deve ter o papel de formação de uma consciência crítica e expansão do conhecimento científico para fora das universidades e centros de pesquisas. Essa realidade acaba por promover uma maior interação entre pesquisadores e sociedade. O objetivo de produzir uma revista para a FAPESC é o de expandir a pesquisa e a produção científica e tecnológica para fora dos laboratórios e empresas, fazendo com que o conhecimento gerado chegue até o público-alvo.

A jornalista Alicia Ivanissevich, no livro *Formação e Informação Jornalística - Jornalismo para iniciados e leigos*, organizado pelo pesquisador Sergio Vilas Boas, diz que “os meios de comunicação são o caminho mais imediato de intensificar a divulgação científica para o grande público” (VILAS BOAS, 2005, p. 13). Ivanissevich ainda defende que cientistas e educadores devem enxergar a mídia como aliados nas tentativas de divulgar a ciência e a tecnologia. Nessa direção, a publicação vinculada à FAPESC além de divulgar

4 <http://fapemig.revista.br/>

as produções científicas e tecnológicas do estado, será a responsável por estimular a mídia catarinense a cobrir de forma mais intensa essas temáticas.

Além da abundância de assuntos a serem abordados, a revista é viabilizada pelo fato de não existir até o momento na imprensa catarinense uma publicação que atenda à demanda de informação nessas áreas. Uma tentativa para melhorar essa realidade é o portal *TI Santa Catarina*⁵, site independente, e de autoria do jornalista Rodrigo Lóssio, mas que não tem tanta visibilidade perante o público leigo. O *Diário Catarinense*, principal jornal da Grande Florianópolis, publica esporadicamente o caderno *Bit*, que trata desses temas. O *Notícias do Dia* ameaçou lançar neste ano a seção *Conectados*, que teria enfoque em tecnologia, mas até agora o projeto não saiu do papel.

Por considerar a cobertura jornalística segmentada em ciência e tecnologia incipiente, enquanto existe abundância de informações e pautas a serem abordadas nesses assuntos em Santa Catarina, é que me propus a realizar este projeto editorial. Também acredito que o público do estado e, principalmente da Grande Florianópolis, interessa-se por esses temas, devido aos altos índices de escolaridade, desenvolvimento, e consumo de ciência e tecnologia.

Nesse sentido, a revista destina-se a apresentar conteúdo para o público leigo e, assim, informar a população local sobre o que acontece em ciência e tecnologia no estado catarinense, atendendo a um dos critérios de noticiabilidade enunciados por Nilson Lage (2001), que diz que o interesse do público é tanto maior quanto mais próximo o fato noticioso estiver dele. São evidenciadas as descobertas dos setores científico e tecnológico, em termos de possibilidades e novos negócios, as novidades e inovações na área, assim como os investimentos econômicos. A intenção é trazer o contexto para próximo do leitor, como enfatizam Sodré e Ferrari: “O jornalismo tem-se

5 <http://www.tisc.com.br/>

encaminhado no sentido de informar sobre o tema, principalmente nos veículos que pretendem, mais do que o registro dos fatos, uma pedagogia da notícia, com o objetivo de formar o leitor” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 32).

Dessa forma, a revista dá visibilidade às iniciativas desenvolvidas pela FAPESC em todo o estado catarinense, bem como divulga pautas relacionadas à ciência e à tecnologia – setores em que a fundação está inserida. É possível observar que a revista não divulga apenas pesquisas financiadas pelo órgão, mas informa a população sobre os temas de interesse da FAPESC e utiliza como fontes profissionais capacitados da instituição. De acordo com o portal da FAPESC, uma de suas competências é “apoiar a realização de estudos, a execução e divulgação de programas e projetos de pesquisa científica básica e aplicada, individuais ou institucionais e desenvolvimento de produtos e processos tecnológicos.”

1.3 OBJETIVOS

A revista apresenta notícias reportagens, entrevista pingue-pongue, artigo, críticas de livros, fotos e infográficos que abordam as principais iniciativas em ciência e tecnologia em Santa Catarina. A publicação está direcionada ao público leigo, em uma linguagem simples. Nesse aspecto, a contextualização foi essencial no texto jornalístico sobre ciência e tecnologia, devido à exigência de adoção de uma linguagem acessível à maioria.

Hay que pensar en el publico, aprender a dirigirse a la sociedad no desde la suficiencia, sino desde la modestia, y saber dar una información inteligente y al mismo tiempo inteligible, aunque la claridad no puede ser nunca sinónimo de simplificación, sino de calidad comunicativa (CALVO HERNANDO, 2001).

A proposta foi a de oferecer informação especializada a um público específico, informá-lo acerca da produção científica e tecnológica, evidenciar os

investimentos públicos e privados no setor e, nesse contexto, divulgar os projetos da FAPESC e mostrar as novidades que impactam diretamente na vida da população. Exemplo dessa tentativa consiste na Entrevista, realizada com um dos vencedores do Prêmio Stemmer de Inovação. O diretor da Photonita, microempresa vencedora, fala de um assunto extremamente específico, que é a metrologia óptica. Nesse caso, houve um grande esforço para tornar a leitura agradável e demonstrar as aplicações dos produtos sem perder a viés científica e tecnológica.

Tendo em vista que o objetivo de pesquisas científicas e iniciativas tecnológicas é o de simplificar e trazer melhorias à vida das pessoas, o conteúdo das matérias tem um viés humanizado. Busquei essa abordagem por meio da utilização de personagens que encontram dificuldade em alguma área facilitada pela ciência e tecnologia, ou que já estejam utilizando determinado produto oriundo dessas áreas e tenha percebido os benefícios, bem como aqueles que participem de algum projeto oferecido pela FAPESC. É possível observar esse aspecto na reportagem sobre o Portal Catarina, alocada na seção Humanas. A abertura do texto conta a dificuldade de uma pesquisadora paulista em encontrar determinadas obras literárias e, sabendo do projeto financiado pela FAPESC, entrou em contato com o núcleo de pesquisa da UFSC para buscar ajuda. Dessa forma, o objetivo de aproximar a ciência e a tecnologia da população é alcançado.

As reportagens tentam apresentar abundância dados e informações, por meio de uma apuração exaustiva, uma vez que a intenção da revista é que a produção científica e tecnológica seja de conhecimento do público leigo. Para isso, a publicação apresenta entrevistas com especialistas, desenvolvedores, setores do governo etc., para que a população se informe acerca de um dos setores econômicos que mais cresce em Santa Catarina. Dado o grau de especialização do assunto, a revista não economizou em recursos como infográficos feitos para facilitar a compreensão das reportagens, simplificar os dados e contextualizar o assunto, como pode ser observado nas reportagens

de Capa, Campo, Saúde e Comportamento. O trabalho de Jean Patrick Joris e Vera Lucia Spacil Raddatz ressalta a importância do instrumento gráfico no jornalismo.

Todos os elementos textuais e visuais incorporados à mensagem cumprem a função de significar algo que está ausente, colocados no âmbito representacional do conteúdo. Esta significação ocorre através de um processo sógnico cuja lógica de funcionamento encontra-se no campo da comunicação visual. Seus significantes são aqueles que estimulam o sentido da visão e a memória e, assim, os significados são produzidos através de uma construção que se dá por meio de analogias. Este é, fundamentalmente, o princípio de um infográfico. (JORIS e RADDATZ, 2010, p. 2)

Apesar de ser uma revista de ciência e tecnologia segmentada para o público leigo, cientistas e profissionais da tecnologia também podem identificar-se com as pautas abordadas na revista. A seção *High Tech*, por exemplo, aborda nesta primeira edição o edital Tecnova, do governo federal, e três empresas contempladas que estão desenvolvendo novos produtos e processos inovadores.

1.4 FORMATO

A segmentação do conteúdo e o tipo das narrativas escolhido foram os responsáveis pela escolha do formato de revista impressa. Vilas Boas (1996) diz que entre as décadas de 80 e 90, “mesmo não pertencendo a um veículo específico, o gênero reportagem, ao passo em que perdia espaço nos jornais, redescobria o seu caminho nas revistas.” Nesse âmbito, Marília Scalzo (2003) explica que o desafio atual do jornalismo é descobrir novos mercados e trabalhar em revistas, principalmente quando a temática é específica:

Olhando para o mercado dessa maneira, sobram e faltam revistas. Há publicações generalistas demais: todas falando das mesmas coisas e concorrendo pela atenção das mesmas pessoas. É como se apenas alguns focos de interesse estivessem iluminados e todas as publicações se voltassem para eles, enquanto todo o resto permanecesse inexplorado, mergulhado na mais absoluta escuridão. (SCALZO, 2003, p. 50)

Além disso, outras fundações de incentivo à pesquisa - como a FAPESP e a FAPEMIG - possuem publicações em formato de revista para dar maior visibilidade aos seus projetos, pesquisas e investimentos. A proposta de uma publicação impressa é justificada pela intenção de atingir o público leigo, que não necessariamente está familiarizado à mídia eletrônica ou digital.

2 PRODUÇÃO

2.1 Pré-produção

Desde a etapa de execução do projeto de TCC, no segundo semestre de 2013, acompanhei pesquisas e iniciativas da FAPESC que pudessem ser pautas da revista. Minha ideia inicial foi e manteve-se a de tratar de, pelo menos, um assunto equivalente a cada área do conhecimento - por esse motivo, a revista resultou em um número expressivo de páginas e editorias: 36 e 14, respectivamente. Além disso, também sempre tive em mente dois objetivos, que devem estar claros na proposição das pautas: informar o público leigo e interessado em ciência e tecnologia, mas, ao mesmo tempo, despertar o interesse de jornalistas na cobertura dessas temáticas. Nilson Lage (2001)

destaca a importância do planejamento no jornalismo e, no presente trabalho, no qual apenas uma pessoa gerenciou todas as etapas de produção de uma publicação, esse processo é ainda mais importante:

O planejamento tem todas as vantagens, do ponto de vista da administração. Garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização em atividades não produtivas. Permite gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem, [...] No caso dos jornais, viabiliza a realização de pesquisa prévia para ampliar uma cobertura, a produção de ilustrações e a concentração de recursos em matérias consideradas de interesse maior, deslocando pessoal, financiando viagens e contratando serviços sem enlouquecer a gerência de investimentos.” (LAGE, 2001, p.36)

Na busca por pautas a serem alojadas nas editorias, utilizei o site da FAPESC (www.fapesc.sc.gov.br), alimentado frequentemente com notícias, além da mídia local - monitorei as inserções da fundação estadual na imprensa catarinense e tentei escolher novas temáticas a partir desse resultado (utilizei a ferramenta *Knewin* nesse trabalho). Ao longo desse processo, tive de escolher entre projetos interessantes que estavam começando e que, por consequência, ainda não demonstravam resultados sólidos para serem divulgados, e iniciativas que, por vezes, já haviam sido divulgadas pela mídia local ao longo de sua execução, mas, que, agora, estavam em finalização e traziam novos dados. Dou exemplos: a FAPESC está desenvolvendo um projeto pioneiro no Brasil que envolve inovação no tratamento de dependentes químicos em comunidades terapêuticas e teve início em março deste ano. Por envolver novas ideias de processos, que podem vir a ser patenteadas pela fundação, muitas informações, mesmo que bastante incipientes dada a precocidade do projeto, foram-me negadas.

Mesmo assim, resolvi produzir uma reportagem sobre o projeto e, quando enviei à orientadora para revisão, achamos melhor descartar devido ao

tom burocrático e institucional do material (viés que, desde o início, não quis dar à revista) que, em sua maioria, apresentava apenas fontes ligadas ao governo. Por outro lado, a reportagem sobre o projeto *Biodiversidade Marinha do Estado de Santa Catarina*, publicada na editoria *Sustentável e Ambiental*, é uma pesquisa que já foi assunto de alguns veículos locais. Contudo, a etapa de finalização do projeto, que envolve o lançamento de um documentário e de um guia com todas as espécies marinhas locais catalogadas, foi suficiente para que o assunto se tornasse pauta da revista - tanto para leitores que ainda não conhecem o estudo, quanto para atualizar jornalistas que cobrem ciência.

Também optei por dar destaque a alguns projetos tradicionalmente apoiados pela FAPESC, como é o caso do *Sinapse da Inovação* e do *Geração TEC*, alojados respectivamente nas editorias de *Inovação* e *Social*. Na abordagem desses temas, tentei fornecer ao leitor uma visão panorâmica da iniciativa: informações gerais do programa (edital, quando costuma acontecer e como se inscrever, por exemplo), dados de edições anteriores e, principalmente, da edição em desenvolvimento, para que essa possa vir a ser pauta da mídia local e nacional. Aqui, é válido destacar a função de “serviço” que a revista pode apresentar - na orientação do público para participação em novos editais, por exemplo. Esse é um aspecto que engloba a necessidade de popularização da ciência, defendida por muitos autores e, principalmente, por Bueno em artigo disponível na web:

Pesquisadores e jornalistas divulgadores precisam estabelecer definitivamente uma relação de parceria porque ela é vital para a sociedade, porque pode contribuir para reduzir a exclusão social, promover a alfabetização científica e para incluir segmentos da sociedade no debate sobre a ciência e a tecnologia. (BUENO, 2010)

Paralelamente ao planejamento das pautas, conversei com o designer gráfico e amigo pessoal Rafael Canoba, sobre a possibilidade de ele

desenvolver o projeto gráfico da revista. Canoba aceitou a proposta e, sem cobrar pelo trabalho, também prontificou-se a produzir todos os elementos gráficos – infográficos e ilustrações, por exemplo. Trabalhamos e mantivemos contato sempre pela internet, já que ele mora em São Paulo (SP), exceto na semana entre 1 e 8 de junho, quando estive na capital paulista para acertarmos alguns detalhes de estilo da revista e, a partir daí, Canoba começou, de fato, a produzir a publicação.

Quanto à produção das fotos, contei com o trabalho de uma colega de estágio e curso de Jornalismo, Laís Souza, que se mostra bem mais hábil em fotografia do que eu. Nas vezes em que Souza não pôde comparecer às entrevistas, tive de produzir por minha conta ou solicitar o banco de imagens do projeto, como é o caso da reportagem de capa, sobre o projeto *Rota da Inovação*, que apresenta fotos do acervo do grupo de pesquisadores, imagens produzidas por mim e, outras, pela colega Souza.

2.1.1 Levantamento de fontes

Também ainda no final do ano passado, estive na FAPESC junto ao jornalista Rodrigo Lóssio, meu supervisor de estágio na Dialetto (empresa de comunicação voltada a empresas de tecnologia), para conversar com a jornalista responsável, Heloísa Dallanhol, sobre o projeto de revista para a fundação. De início, o órgão mostrou-se reticente quanto à execução da publicação - Dallanhol preocupou-se com a carga de demandas extras que teria vindas de mim. Expliquei que não iria sobrecarregá-la e que, a partir da autorização do órgão, poderia abordar as fontes diretamente, como repórter da FAPESC, sem passar pela curadoria da assessoria de imprensa - desde que houvesse o aval da jornalista para tratamento dos temas. Nesse contexto, não há como negar que o fato de a revista estar vinculada a uma entidade limitou a abordagens de alguns assuntos - que pudessem comprometer a imagem da

FAPESC e do governo estadual - a escolha de fontes e, por consequência, o fôlego (desdobramento) de algumas reportagens. Lage disserta sobre esse perfil de abordagem:

(...) pautas muito detalhadas e precisas, linhas editoriais rigidamente definidas conduzem a uma situação em que o repórter se limita a relacionar os fatos, depoimentos e dados estatísticos conforme as interpretações que lhe chegam prontas - como se estivesse preenchendo um formulário. (LAGE, 2001, p.41)

No entanto, a escolha de outras abordagens e a consulta por novos personagens nos temas tratados na revista da FAPESC podem acontecer por veículos da imprensa tradicional que serão, ainda assim, pautados. De qualquer forma, defendi que seria interessante para a FAPESC ter em mãos um protótipo de revista, caso queira implantar posteriormente como estratégia de comunicação. Nesse sentido, fiz questão de incentivar a parceria entre pesquisadores da fundação e o jornalismo, como também defende Wilson da Costa Bueno em artigo disponível por portal *Jornalismo Científico* (www.jornalismocientifico.com.br):

(...) os nossos centros produtores de conhecimento e pesquisa (institutos e universidades), com raras exceções (a Embrapa e a Fiocruz são certamente os melhores exemplos), exibem uma cultura de comunicação, ou seja, não estão definitivamente comprometidos com a democratização do conhecimento e, portanto, não dispõem uma estrutura profissional em comunicação/jornalismo para compartilhar resultados de pesquisa e alimentar o debate sobre a ciência e a tecnologia e seu impacto na sociedade. (BUENO, 2010)

Além de São Paulo, Minas Gerais e Amazonas, que já possuem revistas sobre suas produções em C&T, recentemente o estado da Bahia lançou a revista *BahiaCiência* (www.bahiaciencia.com.br), encartada no jornal *A Tarde*, a fim de evidenciar os projetos científicos e tecnológicos locais. A diretora de redação é a mesma da revista *Pesquisa*, da FAPESP, Mariluce Moura.

Convencido o órgão estadual do projeto, foi feito, então, um memorando em nome do presidente da FAPESC, Sérgio Gargioni, em que me foi autorizado o contato, solicitação de informações e entrevistas aos funcionários e profissionais envolvidos em projetos ligados à FAPESC. Utilizei esse documento em praticamente todas as abordagens com fontes feitas por e-mail. Em outra reunião com Dallanhol, ela repassou-me os contatos diretos de alguns gerentes de projetos da fundação, com quem obtive, aos poucos, contato com pesquisadores e outros profissionais responsáveis por cada pauta. Com endereços, telefones e e-mails em mãos, parti para o agendamento das entrevistas.

2.1.1 Agendamento e preparo para as entrevistas

Em todos os contatos com as fontes, enviei um e-mail padrão apresentando a mim, a revista e a pauta. Normalmente, esperava até três dias pelo retorno - caso não obtinha, fazia a abordagem por telefone. A partir da resposta afirmativa para a entrevista, passava a estudar o assunto da reportagem. Em pautas de ciência, como as reportagens de *Saúde*, *Campo*, *Humanas*, *Sustentável e Ambiental*, *Entrevista* e *Especial*, pedi, previamente, o envio do arquivo de projetos de pesquisa e artigos científicos relacionados para que pudesse chegar preparada à entrevista e fizesse o assunto render. A pesquisa, no jornalismo, possibilita abordagens mais amplas, utilização de dados e, principalmente a contextualização, que é de extrema relevância em

boas reportagens. É necessária uma maior documentação e maior número de matérias irrefutáveis, que tragam impacto e debate à sociedade.

É comum quem pensa em reportagem negligenciar a pesquisa. A imagem corriqueira do repórter é de alguém dependente de fontes- isto é, aos documentos primários de que se origina a informação levada a público. No entanto, todo repórter, confrontando-se com assessores de imprensa e entrevistados, já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público. (LAGE, 2001, p 133)

Tal preparo também influencia e aprimora a necessidade de “tradução” conferida ao jornalismo científico. Na revisão dos textos, houve o policiamento constante para que as reportagens tivessem cunho explicativo. O jornalista deve, nesse sentido, tratar a informação específica de maneira objetiva, clara e acessível ao leitor, principalmente ao leigo.

Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.11)

A jornalista e pesquisadora Graça Caldas pondera tal tradução em artigo publicado na revista *Pesquisa* e disponível no portal *Jornalismo Científico*:

O jornalista científico não deve se limitar à função de mero "tradutor" da fala do cientista e divulgador de sua

produção, por mais relevante que seja. A função estratégica da C&T, o impacto da produção científica e tecnológica sobre o meio ambiente e o bem-estar da sociedade em geral, exigem uma mudança substancial na relação entre o jornalista, cientista e sociedade. É preciso acabar com a dependência do jornalista ao discurso científico por falta de capacitação e visão crítica sobre o processo de produção do conhecimento. (CALDAS, 2009)

2.2 As entrevistas

Minha preferência sempre foi a entrevista presencial, principalmente pela complexidade dos assuntos tratados e a necessidade de fazer a tradução para o público-alvo e leigo da revista. Como comecei a apuração em fevereiro, tive tempo para realizar a maioria das entrevistas pessoalmente. As poucas que não aconteceram - por motivos de distância geográfica, como é o caso da reportagem da editoria *Campo*, ou indisponibilidade do entrevistado - foram por telefone. Nesses casos, houve complementação de informações em mais de uma chamada telefônica e e-mails trocados. Na reportagem alojada na editoria *Social*, também utilizei depoimentos colhidos previamente pelo programa *Geração TEC* disponível em vídeo gravado, arquivo que foi repassado pela assessoria de imprensa do órgão.

De acordo com Gans, “é provável que as fontes que cooperam com os jornalistas e os tratam cordialmente sejam mais utilizadas que outras”. (GANS, apud TRAQUINA, 2005, p. 193) Nesse sentido, a diferença entre uma entrevista e outra fica evidente na reportagem alojada na editoria *High Tech*, onde são contados três processos inovadores que estão sendo produzidos por meio de auxílio do edital Tecnova. Everton Gubert, fonte consultada para falar sobre os produtos da empresa Agriness, mostrou-se relutante à entrevista e liberou pouca informação. Paralelamente, Douglas Pesavento e Silvio Kotujanski, outras duas fontes consultadas para falar das empresas Sensorweb e Complex Informática, respectivamente, foram mais abertas e,

consequentemente, fizeram com que os trechos que as envolvem na reportagem fossem mais ricos em termos de informação.

2.2.1 As fontes

Nilson Lage (2001) explica que há cerca de sete tipos de fontes jornalísticas: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts. Na revista produzida para a FAPESC, foram utilizadas fontes oficiais, como os funcionários da instituição; oficiosas, a exemplo dos pesquisadores envolvidos com a fundação, que também são experts; e independentes, quando se dá voz a uma bibliotecária na reportagem da editoria *Humanas*. As variações de fontes primárias e secundárias foram, em suma, documentais - para auxiliar no contexto e ambientação da reportagem.

2.2 Produção dos textos

2.3.1 Transcrição das entrevistas

Por tratar-se de assuntos complexos, preferi ter o zelo de gravar (com auxílio do celular) todas as entrevistas presenciais - para que pudesse recorrer ao arquivo de áudio sempre que surgisse alguma dúvida no momento de redação da reportagem. Essa escolha fez com que o processo de escrita dos textos atrasasse um pouco. Afinal, cada entrevista durou cerca de uma hora e, consequentemente, a transcrição resultou em um material bastante extenso. Depois, relia todo o material e grifava as partes mais importantes e que, provavelmente, tornariam-se aspas na reportagem.

2.3.2 Redação

Com o material bruto de cada entrevista em mãos, logo começava a escrever as reportagens. Normalmente, não esperava mais do que três dias depois da entrevista para iniciar o processo de redação, para que as ideias não se perdessem. Costumo escrever rapidamente, então, logo enviava a primeira versão para a orientadora realizar leitura prévia. Em nossos encontros semanais, feitos religiosamente todas às quartas-feiras, professora Valentina e eu discutíamos cada texto. Ela fazia questão de imprimir cada reportagem e fazer apontamentos a lápis. Após a reunião, minha missão era a de corrigir e reenviar o arquivo para aprovação final. Geralmente, os textos tiveram duas ou, no máximo, três versões. A maior dificuldade encontrada foi a de tornar o texto menos burocrático e mais atrativo ao leitor. Normalmente, reportagens de cunho científico, apresentam um perfil de texto mais “duro” dada a necessidade de precisão. No entanto, acredito que é missão do repórter trabalhar para que o material apresente-se mais amigavelmente ao público sem perder de vista o rigor com os dados científicos - assim, a democratização da ciência pode acontecer mais facilmente. “Uma reportagem que consiga equilibrar estes ingredientes é resultado não só do esforço do jornalista, mas, principalmente, de uma boa interação entre o pesquisador e o repórter, na qual haja abertura para questionamentos de ambos os lados” (CAVALCANTI, 1999).

Apenas em um caso contei com revisão feita pela fonte: na *Entrevista*, com Carlos Pezzota. Por pedido do entrevistado, enviei a versão final para análise. Poucas alterações foram feitas no texto final - apenas algumas nomenclaturas utilizadas fora do contexto. Entretanto, expliquei à fonte que esse comportamento não costuma ser o padrão de jornalista e que eu estava cedendo ao pedido pelo compromisso à informação correta.

2.3.3 Estilo do texto

A revista é composta por um editorial, uma entrevista, um artigo, notas sobre eventos próximos, comentários sobre lançamento de livros, narrativa visual (como na seção *Varal*) e, principalmente, reportagens - foram nove, no total.

Na produção desses diferentes gêneros textuais, utilizei algumas recomendações do *Manual de Redação e Estilo da Folha de S. Paulo* como base. São exemplos disso números de um a dez escritos por extenso e, os posteriores, em numeral. Siglas foram tratadas, geralmente, em caixa alta e baixa - até mesmo a própria FAPESC, na revista, obteve tratamento diferente (**Fapesc**), no qual não abri o significado toda vez em cada reportagem e coloquei em negrito, à exemplo de quando a *Folha de S. Paulo* refere-se à ela mesma (exemplo: A **Folha** apurou...). Esse recurso foi adotado para deixar o texto menos “poluído” de termos em letra maiúscula.

Grande parte das reportagens possui, em média, seis mil caracteres distribuídos em duas páginas da revista. Por esse motivo, geralmente utilizei intertítulos como elemento de ligação no texto. Na maioria das matérias, esse recurso também foi utilizado para apresentar os desdobramentos do projeto. Foram poucos os textos com retrancas, como aconteceu na matéria da seção *Inovação*. Enquanto isso, os boxes foram mais frequentes para evidenciar alguma parte do contexto da pauta, a exemplo da explicação da metodologia utilizada pelos designers da UFSC na reportagem de capa.

A fim de captar o leitor e, ao mesmo tempo, dar ênfase a algum aspecto da reportagem, a utilização de olhos também foi prevista já na diagramação. No entanto, não foram em todas as editoriais em que houve espaço para tal recurso – apenas na *Entrevista*. Da mesma forma, um abre chamativo também foi planejado ao longo das seções.

3 FINALIZAÇÃO

3.1. Diagramação, edição e revisão

A diagramação da revista aconteceu entre os dias 8 e 14 de junho - incluindo pedidos de alterações feitos ao designer, que utilizou a versão CC do software *InDesign*, da Adobe. Na semana seguinte, 15 a 20, foi feita a edição de todos os elementos do texto - título, intertítulo, linha fina, legenda de foto, olho etc. Aqui, é válido destacar o trabalho exaustivo e de extremo aprendizado de edição, dado o número de reportagens apresentado.

O processo de revisão da revista foi feito em pouco menos de uma semanas por mim e pela professora Valentina - presencialmente e por e-mails trocados.

3.2. Infográficos

Essa é uma parte que gostaria de ter tido mais tempo de investir na revista produzida para a FAPESC. Afinal, enquanto estudava outros modelos similares de publicações, como é o caso da *Pesquisa*, da FAPESP, a parte visual sempre chamou muito a atenção positivamente. No meu trabalho, infelizmente foram poucas as pautas em que tive a habilidade de enxergar a possibilidade de infográfico. Fiquei presa à exigência de grande volume de dados para, então, propor a execução de uma arte ao designer, que também não teve tempo para executar algo muito complexo. No entanto, é possível observar tentativas de impor narrativas visuais ao longo das páginas, a exemplo da construção do mapa da Rota da Inovação, na reportagem de capa.

Também gostaria de ter pensado em charges em algumas pautas, como para a seção *Ciência em Pauta*.

Após a apresentação do TCC à banca, pretendo juntamente com o jornalista Rodrigo Lóssio, da Dialetto, oferecer o produto de maneira definitiva à FAPESC. Caso o projeto siga adiante, vou sugerir para a FAPESC a presença constante de um designer gráfico capacitado para resolver tanto o problema dos infográficos, quanto o das charges. Além disso, também se faz necessária a presença de dois repórteres, um editor e um fotógrafo para a execução de uma revista trimestral desse porte.

3.3. Impressão

Em 20 de junho, fiz um teste de impressão na gráfica *Recicla Print*, para que pudesse passar o final de semana revisando erros no papel. Na segunda-feira, 23, com o arquivo final em mãos, fiz a impressão final em três folhas de A3, papel couchê, impressas frente e verso. Na capa, foi utilizado um papel fosco de maior gramatura. Alguns erros, infelizmente, passaram – como a ausência de crédito de foto em cada imagem, apenas na contracapa da revista constam as principais fotografias. A paginação, por vezes, se sobrepôs a elementos da diagramação devido ao recuo que teve de ser feito para o corte. Essas correções, juntamente aos apontamentos da banca, deverão ser feitas antes da apresentação da revista à FAPESC.

4 CUSTOS

Descrição do custo	Preço
Deslocamentos para entrevistas:	R\$ 200,00
Total	

Designer para infográficos, projeto gráfico e diagramação	R\$ 0
Impressão das revistas para banca	R\$ 350,00
Impressão dos relatórios para banca	R\$ 50,00
Impressão da revista e do relatório para hemeroteca	R\$ 100,00
TOTAL	R\$ 700,00

6 AVALIAÇÃO

6.1. Dificuldades

Em artigo disponível no portal *Jornalismo Científico*, Bueno propõe uma reflexão interessante:

Precisamos de fontes dispostas e competentes para subsidiar o processo de divulgação científica e o Jornalismo Científico em particular e, em especial de fontes independentes (infelizmente, mas faz parte do negócio, há bocas alugadas de empresas, governos e grupos por aí, travestidas de cientistas e pesquisadores e isso ocorre em todo o mundo). (BUENO, 2011)

Utilizo essa citação para justificar o uso de poucas fontes oficiais ligadas à FAPESC. Tive dificuldades de conseguir informações com muitos funcionários ligados à fundação que, por sua vez, estavam pouco conectados ao universo da entidade. Como é de conhecimento, cargos políticos são bastante comuns nesse universo e é competência do jornalista responsável por uma publicação ligada a um órgão governamental saber lidar com esse tipo de adversidade. Graças à FAPESC ser uma agência fomentadora, que repassa recursos, fiquei à vontade para utilizar outras fontes - como os pesquisadores contemplados em editais. Nesses casos, a receptividade foi, em sua maioria, total - mostraram-se sedentos por divulgação e, principalmente, pelo projeto

que, segundo eles, pode contribuir muito à ciência, tecnologia e à própria FAPESC.

Além das poucas dificuldades no processo de produção da revista já destacadas nos capítulos anteriores, ainda é válido destacar o desprezo ao jornalismo científico, que ainda é presente tanto no âmbito acadêmico, quanto no jornalístico. Márcia Rocha e Simone Bortoliero, que estudaram o jornalismo científico praticado na seção *Observatório*, no jornal *A Tarde* entre 2005 e 2006, comprovam essa realidade: “No período estudado, nenhum assunto do Observatório foi manchete da primeira página do jornal. Os assuntos da seção só apareciam em pequenas chamadas na capa.”

Bueno, em outro artigo disponível online, também identifica essa dificuldade e vai além:

Poucos são os espaços efetivos (tipo cadernos, páginas ou editorias) dedicados prioritariamente à cobertura de ciência e tecnologia em nossos jornais e revistas, e há um silêncio enorme nas emissoras de rádio e televisão que, embora sejam concessões governamentais, continuam abdicando do seu compromisso de formar e informar adequadamente a opinião pública. [...] O jornalismo científico, que temos por aqui, com as exceções de praxe (e não são muitas) continua pouco investigativo, refém das pautas externas e de temas muitas vezes deslocados da nossa realidade. Certamente, a falta de uma “cultura de comunicação” nas nossas principais universidades, empresas e institutos de pesquisa; e a falta de consciência dos editores e empresários da comunicação, que buscam pautas óbvias, oficiais, contribuem para isso. (BUENO, 2009)

Espero que o projeto de revista para a FAPESC siga adiante e possa estimular uma cobertura mais enfática, especializada e coerente da ciência e tecnologia catarinense, que apresenta expressivo crescimento.

Como não tive nenhuma espécie de apoio financeiro para execução do projeto, as viagens para apuração em outras localidades não puderam acontecer. Gostaria muito de ter podido cobrir pessoalmente a pauta sobre fruticultura, presente na seção *Campo*. Caso o deslocamento fosse possível, a diversificação de pautas também poderia ser maior e, da mesma forma, outras regiões do estado, igualmente crescentes em C&T, poderiam sentir-se contempladas.

6.2. Aprendizado

Meu interesse pelo jornalismo científico nasceu já na terceira fase do curso de Jornalismo na UFSC, quando fiz estágio na Agência de Comunicação da universidade e, sob a supervisão da jornalista Arley Reis, pude conhecer a produção científica e tecnológica local. Já no terceiro ano da faculdade, quando de fato começa-se a pensar em TCC, tive a certeza de que gostaria de produzir uma revista com essa temática - pela possibilidade de gerenciar todas as partes de um processo de produção jornalística.

De fato, isso aconteceu. A oportunidade foi muito boa para aprimorar cada aspecto aprendido ao longo da graduação. Planejei pautas, fiz entrevistas, apurei e chequei informações, estudei pesquisas, escrevi reportagens e outros gêneros jornalísticos e, exaustivamente, editei. Assim, sinto-me mais capacitada, em diversas esferas, para entrar no mercado de trabalho. Produzir essa revista foi, acima de tudo, prazeroso. Reforço a necessidade e possibilidade de esse projeto ser levado adiante e, assim, contribuir para a popularização da ciência e tecnologia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1985. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUENO, Wilson da Costa. **O que está faltando ao jornalismo científico brasileiro?**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo25.php Acesso: 17/06/2014.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalistas e pesquisadores: a parceria mais do que necessária**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/relacao_jornalista_cientista/artigo3.php Acesso: 17/06/2014.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAVALCANTI GONÇALVES, Fabiana. **Ciência em doses homeopáticas**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo21.php Acesso: 17/06/2014.

CRUZ, Renato. Tecnologia de Florianópolis chega ao primeiro bilhão. **O Estado de S. Paulo**. Setembro de 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,tecnologia-de-florianopolis-chega-ao-primeiro-bilhao,934575,0.htm> Acesso: 19/11/2013.

DINIZ, Augusto. (Org). **Comunicação da Ciência análise e gestão**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Nueva dimensión de una tendencia: la comunicación social del conocimiento**. *Quark*. Ciência, Medicina, Comunicación y Cultura, Espanha, 14, jan.mar.1999. Crônica. Disponível em: <http://quark.prbb.org/14/014073.htm>

KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LOTH, M. (Org.). **Comunicando a ciência**. Florianópolis: ABJC, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

OLIVEIRA, F. I. **Ciência e tecnologia na comunicação social de instituições governamentais**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, Nádia Rodrigues. **O papel da ciência e da tecnologia no desenvolvimento nacional**. *AGRInforma*, 2004. Disponível em: <http://www.cnptia.embrapa.br/node/124.html>

ROCHA e BORTOLIERO, Márcia e Simone. **O jornalismo científico brasileiro**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo31.pdf Acesso: 17/06/2014.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção Comunicação).

SCHIELSTL, Saraga. Sapiens Parque é uma cidade de inteligência tecnológica dentro de Florianópolis. **Notícias do Dia**. Agosto de 2013. Disponível em:

<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/91843-uma-cidade-da-inteligencia-tecnologica.html> Acesso: 19/11/2013.

VILAS BOAS, Sergio. **O Estilo Magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996 (Coleção Novas Buscas em Comunicação, 52).

XAVIER, Mário. **Polo Tecnológico de Florianópolis: origem e desenvolvimento**. Florianópolis: Insular, 2010.

ZIMAN, J. **Força do conhecimento: a dimensão científica da sociedade**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

